

Novembro de 1930

Ao entrar no café, ela foi atingida por uma bafagem de tabaco e de humidade pegajosa. Vinha da chuva, e gotas estremeciam ainda como delicado orvalho nos casacos de pele de algumas das mulheres no local. Um regimento de criados de avental branco afadigava-se a compasso, servindo as necessidades dos ociosos *Münchner* — bolos, café e conversa.

Ele estava numa mesa ao fundo da sala, rodeado pelos seus habituais adúladores. Estava também uma mulher que ela nunca vira — uma loura platinada, de cabelo ondulado e carregada de maquilhagem — uma atriz, aparentemente. A loura acendeu um cigarro, fazendo do gesto uma exibição fálica. Toda a gente sabia que ele preferia as mulheres recatadas e de hábitos saudáveis, de preferência bávaras. Todos aqueles trajes típicos, com meias pelo joelho, santo Deus.

A mesa estava repleta. *Bienenstich*, *Gugelhupf*, *Käsekuchen*. Ele estava a comer uma fatia de *Kirschtorte*. Adorava bolos. Não surpreendia que tivesse um aspeto tão pastoso e macilento, o que admirava era que não fosse diabético. O corpo mole e repelente (fazia-lhe lembrar massa de pasteleiro) por baixo das roupas, sempre escondido dos demais. Não era um homem de aspeto viril. Ao vê-la, ele sorriu, soerguendo-se um pouco, e disse, «*Guten Tag, gnädiges Fräulein*», ao mesmo tempo que lhe apontava a cadeira ao seu lado. O lambe-botas que a ocupava levantou-se, deixando-a livre.

«*Unsere Englische Freundin*», disse ele para a loura, que soprou lentamente o fumo do cigarro, examinou-a sem grande interesse antes de dizer, «*Guten Tag*». Uma berlinense.

Ela pousou a malinha de mão, pesada da sua carga, no soalho ao pé da cadeira e pediu *Schokolade*. Ele disse-lhe para experimentar o *Pflaumen Streusel*.

«*Es regnet*», disse ela, para fazer conversa. «Está a chover.»

«Sim, está a chover», disse ele com uma pronúncia carregada. Depois riu-se, satisfeito com a sua tentativa. Toda a gente à mesa se riu também. «*Bravo*», disse um dos presentes. «*Sehr gutes Englisch.*» Ele estava bem-disposto, tamborilava com o indicador nos lábios, com um sorriso divertido, como se estivesse a ouvir uma musiquinha na sua cabeça.

O *Streusel* estava delicioso.

«*Entschuldigung*», murmurou ela, debruçando-se para a mala à procura do lenço. Com os cantos rendados e as suas iniciais bordadas, “UBT” — um presente de aniversário de Pammy. Limpou delicadamente as migalhas de *Streusel* dos lábios e baixou-se de novo para guardar o lenço e tirar o pesado objeto que jazia no fundo da malinha. O velho revólver de serviço do seu pai, do tempo da Grande Guerra, um *Webley Mark V*.

Um gesto cem vezes ensaiado. Um único tiro. A rapidez era tudo, mas houve um segundo, uma bolha de tempo suspenso, depois de ela ter sacado o revólver e lho ter apontado ao coração, em que tudo pareceu deter-se.

«*Führer*», disse ela, quebrando o encantamento. «*Für Sie.*»

A toda a roda da mesa, pistolas saíram dos coldres e foram-lhe apontadas. Uma exalação. Um tiro.

Ursula premiu o gatilho.

Caiu a escuridão.

Neve

11 de fevereiro de 1910

Uma baforada de ar frio, uma gélida corrente de ar na pele recém-exposta. Inopinadamente, ela encontra-se fora do dentro, subitamente evaporado o mundo húmido e tropical que conhecia. Exposta aos elementos. Um camarão descascado, uma noz estilhaçada.

Não respira. O mundo todo reduz-se a isto. Respirar.

Pequenos pulmões, como asas de libelinha que não se conseguem abrir na atmosfera estranha. Nenhum ar no tubo estrangulado. O zumbido de mil abelhas na espiralada perolazinha de uma orelha.

Pânico. A rapariga asfixiada, a ave em queda.



«O Dr. Fellowes já devia cá estar», disse Sylvie num tom plangente. «Porque é que ainda não chegou? Onde é que ele está?» Grandes gotas de suor rociam-lhe a pele, um cavalo no fim duma árdua corrida. A lareira do quarto atestada como a fornalha dum navio. As espessas cortinas de brocado bem corridas contra o inimigo, a noite. O morcego negro.

«O doutor deve estar retido pela neve, minha senhora. Está uma noite de fugir. A estrada há de ter sido cortada.»

Sylvie e Bridget estavam sós naquele ordálio. Alice, a criada de sala, tinha ido visitar a sua mãe, que estava doente. E Hugh, claro, estava à *Paris* à procura de Isobel, a irmã dele, essa destrambelhada. Sylvie não tinha a menor vontade de envolver no processo a Sra. Glover, que ressonava no seu sótão como um porco trufeiro. Sylvie imaginara que podia conduzir os procedimentos como um sargento-mor numa parada. O bebé chegara antes do tempo. Ela esperara que fosse tardio, como os outros. Por muito bom que seja, não há plano que não possa falhar.

«Oh, minha senhora», exclamou de súbito Bridget, «ela está toda azul.»

«Uma menina?»

«Tem o cordão à volta do pescoço. Ai, Virgem Maria, mãe de Deus. Ficou estrangulada, coitadinha.»

«Não respira? Deixa-me vê-la. Temos de fazer alguma coisa. Que é que se pode fazer?»

«Oh, Sra. Todd, a menina foi-se. Morreu sem ter tido oportunidade de viver. Os meus sentimentos, minha senhora. Tenho a certeza que ela neste momento já está no céu, como um anjinho. Ai, quem dera que o Sr. Todd estivesse cá. Os meus sentimentos. Vou acordar a Sra. Glover?»

O pequeno coração. Um coração indefeso a bater desesperadamente. Subitamente travado, como uma ave caída do céu. Um único tiro. Caiu a escuridão.